



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1556

## O relato de viagem de Victor Giraud: uma fonte histórica sobre o interior da África Oriental no século XIX

Carlos Eduardo Rodrigues  
Mestre em História pela UEM( 2015)

**Resumo:** As crônicas de europeus sobre a África são tão detalhadas que possibilitam aos pesquisadores uma fonte histórica quase que inesgotável. No contexto atual, pós-lei 10.639/03, vários estudos foram feitos sobre essas crônicas e caminhando na direção dessa tendência acadêmica, me propus a pesquisar a África Oriental e sua relação com o Mundo. A metodologia de trabalho consiste em: exame criterioso da obra levando em consideração o contexto em que ela foi produzida, as informações centrais sobre a África e a sua importância como fonte histórica, confrontando-a com a bibliografia acadêmica especializada. Deste modo, essa comunicação tem como propósito apresentar ao público pesquisador alguns aspectos do relato de viagem de Victor Giraud: *Los lagos del Africa Ecuatorial: Expedición tras los pasos del Dr. Livingstone*, uma interessante fonte histórica para se compreender diversos aspectos da vida cotidiana do interior da África Oriental no final do século XIX. Procurando ressaltar a organização social dos habitantes e como se dava as relações sociais entre os africanos dentro do interior do continente e como eles se comunicavam com os africanos do litoral.

**Palavras-chave:** África Oriental; Relato de Viagem; Século XIX; Victor Giraud.

### Introdução

Durante a sua história a África sempre recebeu a visita de inúmeras pessoas da Europa que deixaram registros incríveis sobre o continente, em textos que descrevia o que viram, ouviram e presenciaram. Tais registros são utilizados hoje pelos historiadores para reconstruir parte do passado africano, ou seja, a parte da história contada do ponto de vista do viajante. Apesar de uma perspectiva eurocêntrica que se fazia sobre a realidade das sociedades africanas esses textos trazem informações diversificadas e variam de acordo com o período histórico da visita, a região visitada e a formação intelectual do viajante. Cultura, costumes, crenças, organização social, política e econômica são alguns dos assuntos que aparecem nesses relatos.

No século XIX, época das expedições financiadas por governos e por empresas privadas, os viajantes, muitas vezes crente em sua missão civilizadora, irão elaborar discursos detalhados sobre os mais remotos cantos do continente africano. Missionários, cientistas e militares, jovens aventureiros em busca de fama e dinheiro compunha a classe de expedicionários que formavam as campanhas científicas, que tinham como objetivo elaborar extensos relatórios sobre as potencialidades econômicas dos mais remotos cantos da África. Esses relatórios somaram-se aos relatos de viajantes e aos cadernos de campo dos antropólogos e dos biólogos e serviram com base para o desenvolvimento de estratégias políticas que buscavam a todo o custo apoderar-se de alguma porção das terras africanas seja de forma direta ou indireta.

É nesse contexto de expedições científicas que o continente africano é mapeado e dividido para que os governos e as empresas ocidentais pudessem investir seus capitais em empreendimentos rentáveis. Havia expedições percorrendo as cinco macros regiões africanas e muitas delas procuravam atingir o interior do continente. As viagens faziam parte das ações imperialistas que permitiram aos europeus controlarem grande parte do continente, cujos resultados foram danosos tanto em nível sociocultural, político e econômico, como também na construção da identidade dos africanos e seu lugar no mundo.

Os agentes pré-coloniais, ou seja, os indivíduos e as expedições que foram para África antes do Congresso de Berlim (1884/1885) atuavam basicamente de duas formas: 1) grandes expedições custadas por empresas ou governos como é o caso da expedição de Henry Morton Stanley (1841-1904), que foi financiada pelos jornais *Daily Telegraph* de Londres e o *New York Herald* de Nova Iorque e, posteriormente, pelo rei dos belgas Leopoldo II (1835-1909); 2) pequenas ou médias expedições de indivíduos solitários ou em pequenos grupos, frequentemente executada por jovens aventureiros, missionários que seguiam o exemplo de David Livingstone (1813-1873) ou militares, como é o caso de Victor Giraud (1858-1898) que viajou pela África Oriental entre os anos de 1883 a 1885.

### **Desenvolvimento**

O objetivo desta comunicação é apresentar aos estudantes de história da África as características do relato de viagem de Victor Giraud, tenente da marinha

francesa de 23 anos que foi para África Oriental durante os anos de 1883 a 1885. Giraud representa bem o típico viajante europeu do período pré-partilha, jovem e militar, com um bom nível de conhecimento acadêmico e científico, arrogante e crente em sua superioridade frente aos “selvagens” e com capital suficiente para custear uma expedição até o interior do continente que teve como objetivo, segundo o próprio Giraud, percorrer os passos do missionário britânico Livingstone.

A aventura do francês começa em Marselha no dia 9 de julho de 1883 quando o navio Jemna o leva para Zanzibar, a maior ilha da costa da Tanzânia, no dia 25 de agosto do mesmo ano. Ao chegar à cidade, grande centro urbano e cosmopolita, sede do Sultanato de Zanzibar, lugar onde a tolerância religiosa prevalecia e os árabes, os africanos e os indianos conviviam, o viajante francês contrata 121 homens para formar uma caravana sendo Giraud o único europeu entre eles. Sete desses homens eram experientes e conheciam perfeitamente as estradas que partiam rumo as Grande Lagos Equatoriais, são eles: Nassib, o chefe, Wadi Salimán, Wadi Asmani, Wadi Combo, Ferruji, Kamna e Tuakali. Os restantes atuavam em inúmeros serviços, sobretudo no transporte de uma grande quantidade de tecidos de algodão e armas de fogo, caixas, tendas, mesas, cama, barco e outros objetos.

O relato de viagem de Victor Giraud chama-se *Les lacs de l'Afrique équatoriale: voyage d'exploration execute* (1890), mas a tradução para o espanhol feita pela editora Timun Mas de Barcelona o nome foi alterado para: *Los lagos del Africa Ecuatorial: Expedición tras los pasos del Dr. Livingstone* (1997). Acredito que essa diferenciação entre os nomes, com a substituição de “viagem exploratória realizada” para “expedição atrás dos passos de Dr. Livingstone”, esteja relacionada com a venda do livro por parte da editora espanhola, já que os relatos de Livingstone praticaram uma forte influencia no imaginário europeu durante o século XIX e ao que parece ainda exercem, pois muito das imagens sobre a África que está presente no imaginário da população ainda se referem às descrições preconceituosas feitas pelo missionário, uma África bárbara e alheia à fé cristã. Talvez seja exatamente essa influencia que levou a editora a inserir o seu nome junto ao título do livro de Giraud como forma de divulgação da viagem do francês.

Até onde consegui avançar nas pesquisas foram poucas as informações que obtive sobre Victor Giraud, especialmente se compararmos as incontáveis resenhas

e textos sobre o missionário britânico presente na *web*. Talvez, o fato do viajante francês não ter alcançado o *hall da fama* entre os exploradores do século XIX, como seus conterrâneos René Auguste Caillié (1799-1838), o primeiro europeu a visitar as cidades do oeste Africano e seu interior ou Richard Francis Burton (1821-1890), famoso por suas expedições na Ásia, na África e no Brasil, levou-o ao segundo plano quando falamos sobre exploradores e expedições europeias em África durante o século XIX.

Giraud começa a contar sua aventura pela África Oriental com um breve comentário sobre sua vida e os motivos de sua partida até o desembarque em Zanzibar. Nos dois anos que passou na África o francês conheceu cidades importantes, em ordem cronológica: Zanzibar, Bagamoyo, Dar es Salaan, Kisaki, Matema e Itumba nas margens do lago Malawi, Ujiji e Mpala próximo ao lago Tanganica, percorre terras onde hoje é Burundi, retorna sentido sudeste até atingir a cidade de Blantyre, Chiromo, Morrumbala, terminando a viagem em Quelimane no litoral moçambiquenho.

A versão espanhola do livro que foi usada para análise conta com 412 páginas e 107 gravuras, a narrativa acompanha o desenvolvimento da viagem e a história é contada cronologicamente, se assemelha muito a um livro de literatura de aventura além de misturar elementos reais e fictícios ou, aquilo que Lopéz Estrada (2003) classificou de “ficção relativa”, quando o autor acrescenta elementos presente no mundo real e os mistura com informações fantasiosas. É por isso que muitas das descrições feitas por Giraud trazem algo de “maravilhoso” e “extraordinário”, apesar das informações centrais sobre as regiões visitadas estarem descritas de modo prático e direto servindo como base para os futuros jovens aventureiros. Para Bas Martín (2007), os registros de viajantes servem para a construção de uma visão de mundo exterior ao do viajante e, conseqüentemente, dos leitores de suas narrativas.

Muitas dessas *Narrativas de Viajantes* descrevem uma África desconhecida, fantástica, estranha e exótica, cheia de perigos e aventuras pelas quais o heroico viajante trafega. Os povos africanos são apresentados repletos de características extraordinárias e pitorescas, reforçando assim os estereótipos preconceituosos sobre o continente. É nesse perfil de viajante que se enquadra Victor Giraud, sua crença de superioridade frente ao africano aparece em diversas passagens ao longo

do livro, com expressões parecidas com essa: “He dicho que el indígena del Condé era esencialmente embustero ladrón, defectos africanos” (GIRUAD, 1997, p. 117).

Esse típico preconceito também é encontrando nos *Relatos de missionários* que ao descreverem sobre as religiões africanas não tinham a preocupação em compreendê-las e sim expor o quanto eram bárbaros e primitivos seus rituais. Por compreenderem um pouco as línguas locais os missionários escreveram textos teoricamente melhores que as *Narrativas de viajantes*, trazendo algo sobre as estruturas sociais das comunidades que estavam instalados (HRBEK, 2010). Porém, nesses textos não há muitas referências sobre a geografia e a biodiversidade, algo que no relato de Giraud encontra-se abundantemente.

No livro de Victor Giraud a geografia e a biodiversidade africana estão descritas praticamente juntas. Há uma tendência maior do francês em descrever a geografia, o que apenas realça uma característica individual desse tipo de viajante: a preocupação militar. Saber onde se posicionar e conseguir recursos, a existência de vias navegáveis e terrenos acidentados, entre outras questões estavam, junto com o conhecimento em ciências naturais, no contexto da sabedoria militar do século XIX.

Era comum nas literaturas de viagens escritas pelos exploradores a centralização de suas narrativas em questões geográficas, comércio, botânica e zoologia, o que veio a constituir a literatura chave para o estudo de história econômica. Contudo, são descrições elaboradas de modo a exaltar os feitos do explorador e com pouca riqueza etnocultural, já que a maior parte dos escritores eram cientistas naturais e militares com pouco senso histórico ou crenças no mito da ausência de história africana (HRBEK, 2010; LÓPEZ ESTRADA, 2003).

Essa preocupação em descrever os grandes feitos, sobretudo a vitória do homem frente à natureza, aparece no relato de Victor Giraud de modo rotineiro, sempre que podia o francês procurava ressaltar suas proezas ao atravessar rios, morros ou ao enfrentar a natureza selvagem da África, seus animais perigosos e seus habitantes considerados traiçoeiros, mas pouquíssima vez entrou em conflito direto com os africanos e quando isso ocorria procurava resolvê-los através da diplomacia.

A ação diplomática com o intuito de resolver os conflitos encontrados pelo caminho incidia, na maior parte das vezes, em presentear um chefe local com um algum produto do ocidente. Essa ação era um modo de estabelecer amizades que

consistia em ajuda no caso de perigo e segurança na viagem de volta. No entanto, apesar de Giraud se achava superior por ser branco e ter boas armas de fogo, acredito que havia sim um medo muito grande de entrar em conflito com os africanos. É claro que isso não fica explícito em seu relato, talvez porque para a mentalidade da época um militar ocidental não podia demonstrar fraqueza perante seus conterrâneos, muito menos aos europeus de classe média que compunham o público leitor. Por mais selvagem que fosse a África jamais o símbolo da superioridade racial, o europeu, deveria se mostrar com medo, é ele que vence a natureza e não ao contrário.

A impressão geral que transmite os relatos de natureza semelhante ao de Giraud é que os exploradores tinham a necessidade de criar, na mentalidade coletiva europeia, a imagem de uma África selvagem e bárbara que justificasse a colonização, daí em muitos textos aparecer referências aos costumes primitivos, às crenças bárbaras e aos males da escravidão. Mesmo assim a imagem do explorador em si, o ícone da superioridade ocidental, não podia demonstrar ser fraco ao combater os africanos, pois se essa impressão fosse transmitida a opinião pública como os governantes e empresas iria motivar a população para empreitada colonialista? Se o ícone máximo da superioridade tinha medo dos africanos.

Esse tipo de narrativa, que ressalta a proeza do viajante, percorreu todo o século XIX, época que o público europeu consumia consideravelmente esse tipo de bibliografia. A curiosidade em saber mais sobre as terras distantes e pitorescas da África estimulava o interesse de governos, das empresas e dos aventureiros a irem para o continente e as editoras a compilarem, traduzir e difundir o maior volume possível desse tipo de literatura por quase toda a Europa (HRBEK, 2010). Somente na Espanha, por exemplo, a obra de Stanley *Through the Dark Continent* (1878) foi traduzida em 1891 por José Coroleu e Inglada (1839-1895) e trechos das viagens de Georg August Schweinfurth (1836-1925), botânico, etnólogo e paleontólogo alemão que viajou pela África Central e Oriental foram compilados em 1877 por Francisco Garcia Ayuso (1835-1897).

Sobre o financiamento de expedições muitos governos e empresas seguiram o exemplo dos jornais *Daily Telegraph* e o *New York Herald* e do rei Leopoldo II. Porém, sobre a expedição de Giraud não consegui informações suficientes para afirmar se ela foi ou não financiada pelo governo francês. Uma grande caravana

com 121 homens que percorreu aproximadamente 2.508 km (distância calculada via o programa de computador Google Earth) é um empreendimento muito caro e de alto risco para ser financiada somente por recursos particulares. Essa dúvida percorreu boa parte da pesquisa já que a fonte história que tenho em mãos não me diz nada a respeito, apenas descreve que Giraud foi para o interior da África sozinho e sem a ajuda de outros militares.

Na época da viagem de Victor Giraud os governos africanos estavam nas mãos das elites locais e no caso da região visitada pelo francês quem gerenciava era o Sultanato de Zanzibar que foi instituído em 1840 pelo sultão de Omã Said bin Sultan (1804-1856) para facilitar a administração dos territórios sobre sua influência que em África compreende quase toda a costa suaíli, um extenso litoral que vai desde o norte da Somália até o norte de Moçambique. O controle sobre essa zona de influência dava-se de modo informal, com a instalação de guarnições militares, políticos favoráveis a Omã e controle direto do comércio marítimo graças a uma poderosa marinha que patrulhava toda a orla ocidental do oceano Índico.

O modelo econômico do Sultanato de Zanzibar dependia da exportação de três itens: 1) *marfim*: produto de luxo que supria os mercados da Península Arábica e da Europa Ocidental com os dentes de segunda e terceira qualidade e os mercados da Índia com o marfim de melhor qualidade; 2) *cravo da Índia*: produzido via *plantations* e abastecia os principais comércios da Índia, Península Arábica, Europa Ocidental e das Américas, especialmente os EUA; 3) *escravos*: alimentava os tráficos transoceânicos (Atlântico e Índico) e em geral eram destinados aos produtores agrícolas das Américas e para os sultões da Arábia, do Império Turco Otomano e da Índia, constituía uma via de mão dupla, pois além de traficados eram utilizados como mão de obra nas *plantations* (VIDROVITCH, 2004).

A escravidão compunha o principal pilar da economia do Sultanato e seu abalo veio com as campanhas abolicionistas do ocidente. As pressões diplomáticas dos britânicos que atuavam em Zanzibar derrubou drasticamente o fluxo de escravos dos tráficos transoceânicos, ocasionando assim um excesso de mão de obra estacionada nas regiões litorâneas. Como o uso do escravo ainda era tolerável dentro da África esse excesso de mão de obra passou a ser reempregado nas *plantations* que teve sua demanda ampliada de devido ao maior consumo de cravo da Índia pela Europa Ocidental.

Esse modelo econômico instituído por Said em Zanzibar funcionava de dois modos: 1) se constituía como uma política dominante frente aos habitantes do interior do continente dos quais lhe forneciam marfim e escravos; 2) dominada frente às potências estrangeiras, responsáveis por comprar o cravo da Índia, o marfim e os escravos. Said dependia ainda mais das potências ocidentais, pois além de serem os maiores consumidores de cravo da Índia também eram seus fornecedores de bens industrializados, em especial a arma de fogo, extremamente necessária para capturar cativos e caçar elefantes no interior do continente (VIDROVITCH, 2004).

E assim estava constituído o contexto histórico e econômico da viagem de Victor Giraud e a forma como o francês descreve as relações sociais e de comércio em sua obra trata-se exatamente dessa política dominante que Zanzibar exercia sobre os habitantes do interior. Entretanto, antes de tecer algumas considerações sobre essas relações é preciso deixar claro ao leitor que Giraud não dedica um capítulo exclusivo para tratar o tema, ele se encontra distribuído ao longo da narrativa da viagem e são apresentadas na medida em que o francês encontra os agentes econômicos que atuam no comércio de longa distância entre o interior africano e o litoral suazilense. Esses agentes podem ser caracterizados nas seguintes figuras:

1) os chefes das grandes comunidades do interior que exerciam um amplo poder local e eram responsáveis por controlar um considerável espaço territorial constituído por: zonas de caças, um razoável número de pessoas, recursos naturais, estradas de comércio, um pequeno exército regular, etc.; 2) as caravanas, que podiam ser de expedição de viajantes como é o caso da caravana de Victor Giraud ou de comércio, esta última formada por indivíduos do litoral responsáveis pela logística de transporte entre litoral/interior e interior/litoral; 3) grupos de caçadores de elefantes, atividade dedicada à extração de marfim; 4) grupos de mercenários, atividade dedicada à guerra seja na busca de novos cativos ou na captura de escravos fugitivos, em regra vendiam seus serviços aos grandes chefes ou as caravanas de comércio; 5) grupos de carregadores, geralmente atuavam junto às caravanas e estavam em constante movimento entre o interior e o litoral; 6) havia outros agentes que atuam em paralelo ou junto aos demais citados acima: artesãos, agricultores, escravos que estavam fora das *plantations*, entre outros.



Esses agentes econômicos viviam entre duas economias: 1) a praticada no litoral suaíli, voltada para a demanda internacional, monetária e controlada pelo sultão de Zanzibar; 2) a praticada no interior da África Oriental, voltada para a demanda local, escambo e controlada pelos chefes das grandes comunidades. A ligação entre ambas ocorria por três eixos comerciais: a) norte: de Mombaça no Quênia rumo ao lago Vitória; b) centro: de Bagamoyo na Tanzânia rumo ao lago Tanganica; c) sul: de Kilwa na Tanzânia rumo ao lago Malawi (VIDROVITCH, 2004).

Por esses eixos circulavam as caravanas de comércio responsáveis por transportar produtos manufaturados do litoral para o interior, em especial o tecido de algodão e a arma de fogo, e produtos agrícolas e matérias primas em geral (minério, madeira, etc.) do interior para o litoral. Mas os principais itens levados para o litoral eram os escravos e o marfim que no livro de Giraud configuram-se como pontos fundamentais nas descrições sobre as comunidades do interior do continente.

*Escravos:* o tráfico e a escravidão não são condenados e nem mesmo relatados com argumentos pejorativos e a forma como o texto é elaborado passa ao leitor a impressão de que a escravidão é parte integrante das sociedades africanas e por isso não cabe ao homem branco se intrometer. De acordo com o registro feito por Giraud o comércio de escravos acontecia, majoritariamente, entre os chefes das grandes comunidades e as caravanas de comércio. Os chefes adquiriam escravos por meio da guerra cujos motivos eram variados, iam desde a disputa territorial com outros chefes sendo os derrotados escravizados até a captura desenfreada, que correspondia ao avanço sobre as pequenas e fracas aldeias ou a busca por famílias e/ou indivíduos dispersos pelos territórios. O objetivo consistia em fomentar a demanda de escravos do litoral que havia se ampliado muito com a expansão das *plantations*. Os cativos eram aprisionados em fortalezas das quais Giraud chamou de *boma*. Os chefes realizavam a captura e apreensão dos escravizados e o transporte e a comercialização como no litoral ficava a cabo das caravanas que na maior parte das vezes iam para a interior financiada pelos donos de *plantations* e/ou pelos banqueiros indianos, estes últimos responsáveis gerenciar os portos suaílis por onde escoava os escravos, o cravo da Índia e o marfim (VIDROVITCH, 2004).

*Marfim:* em regra eram comercializados junto com os escravos. Os chefes exerciam um forte e regular controle sobre as zonas de caças de elefantes que estavam ao seu alcance e mantinham grupos de caçadores sempre apostos para

abater os animais. Esses grupos também atuavam de forma independente, algo bem próximo ao que faziam os mercenários que sempre estavam envolvidos na captura de escravos e nas guerras. É interessante ressaltar que ambos surgem do desenvolvimento do mercado capitalista, pois representam profissões que nasceram da maior divisão e especialização do trabalho. Devido ao seu grande valor de mercado o marfim às vezes era utilizado como pagamento para mercenários, caçadores, carregadores, etc. No século XIX acreditava-se que o marfim era transportado pelos escravos sendo ambos vendidos no litoral, mas hoje sabemos que havia grupos específicos para cada item, os Yaos, por exemplo, controlavam o fluxo de marfim do eixo sul. Essa especificação tornou-se necessária já que na segunda metade do século XIX a demanda mundial por marfim se amplia muito e por isso necessitava de um transporte mais rápido e eficaz, algo incompatível com o lento e instável transporte de escravos (VIDROVITCH, 2004).

O fluxo contínuo de marfim e escravos dependia exclusivamente da demanda do mercado mundial que em contra partida enviava para África Oriental produtos manufaturados e industrializados. Os tecidos de algodão correspondem um bem interessante, já que eram utilizados com moeda de troca na comercialização de marfim e escravos, como presente para os chefes das comunidades e até como forma de pagamento dos indivíduos que trabalhavam nas caravanas. Giraud pagava os principais membros de sua caravana com tecido de algodão, o mesmo que Nassib usou para comprar marfim de Cazembé (chefe de uma comunidade do interior): “[...] Nassab enviava grandes regalos a Cazembé. [...] su intención de vender las telas que le quedaban para comprar marfil [...] (GIRAUD, 1997, p. 256).

Os tecidos constituía uma peça chave para o comércio de escambo e os ocidentais possuíam as mais belas estampas e por isso eram os mais apreciados pelos chefes das comunidades. Por ser um bem caro e de difícil acesso o tecido não era comum a todos os habitantes, aliais era possível medir o grau de importância das pessoas de acordo com a sua vestimenta. A maior parte dos chefes das comunidades descritos por Giraud aparecem vestindo saias feitas com belas telas estampadas e diversos adornos pelo corpo. Esses chefes adquiriam tecidos de duas formas, uma através do comércio com as caravanas e a outra por meio de presentes, havia também uma terceira forma que era a produção local, mas esta representa uma ínfima parte. Giraud, ao se encontrar com Ketimkuru (chefe de uma

comunidade do interior) segue os conselhos de Aley (chefe de uma caravana de Zanzibar que ia ao interior do continente em busca de marfim e escravos) e o presenteia com “seis ricas telas, así como un organillo que guardaba para las grandes circunstancias” (GIRAUD, 1997, p. 165).

Outro item apreciado eram as armas de fogo cuja introdução modificou seriamente as relações sociais e econômicas do interior do continente. A arma foi decisiva para a ampliação de duas atividades extremamente perversas e prejudiciais mais altamente rentável economicamente: a extração de marfim e a busca por escravizados. O processo de caça foi acelerado e na medida em que a população de elefantes ia se esgotando os caçadores avançavam para as regiões mais próximas dos Grandes Lagos, deixando para trás inúmeras cemitérios de elefantes. Algo semelhante aconteceu com relação à escravidão, onde aldeias e comunidades eram arrasadas apenas para atender a demanda por cativos.

As armas de fogo também causaram certo desequilíbrio de poder entre os chefes de comunidades, aqueles que conseguiam manter uma razoável quantidade de armas tinham, naturalmente, um poder maior que seu vizinho. Alguns chefes conseguiram criar vastos “Impérios” como é o caso de Mirambo (ca.1840-1884), cujo comércio direto com os europeus lhe permitiu um abastecimento regular de armas de fogo que propiciou a esse Nyamwezi transformar, na década de 1860, o seu pequeno Estado de Uyowa, a oeste de Tabora, em uma zona de influencia gigantesca de boa parte da região centro-leste da Tanzânia.

Os tecidos e as armas de fogo constituem um dos símbolos da Revolução Industrial e sua expansão para o interior da África Oriental representa o avanço do capitalismo industrial europeu sobre essas regiões. O interessante é que tal avanço não foi prejudicial a todos os africanos, chefes como Cazembé e Ketimkuru, apesar de não terem a mesma expressão que Mirambo, souberam tirar proveito da chegada das armas de fogos e conseguiram manter um poder local suficientemente bom que lhes permitiam a manutenção quase que constante do comércio de marfim e escravos. Tal benefício nos leva a seguinte pergunta: será que as caravanas formadas por europeus, como é o caso da caravana de Giraud, constituía um risco a soberania local? Ou era vista pelos chefes locais como uma fonte de bens industrializados, em especial de armas de fogo e tecido de algodão.

Por mais que essa pergunta demande um amplo tempo de estudo e pesquisa e por isso sua resposta não é simples, fato é que apenas a população de elefantes e as aldeias pequenas foram, naquele momento antes da colonização europeia, os mais prejudicados como a introdução das armas de fogo em seus cotidianos.

### **Considerações Finais**

É certo que as viagens pelo interior da África produziram textos ricos e detalhados e que exige do historiador uma consciência metodológica clara ao analisa-los. Segundo Lópes Estrada (2003) as informações contidas nas literaturas de viagens são descrições parciais, incompletas e limitadas, já que os viajantes conviviam pouquíssimo tempo com os nativos da região e geralmente se comunicavam com eles através de interpretes que acabam atuando como filtro das informações. A própria estadia de Giraud nas aldeias que encontrava pelo caminho variava entre três a cinco dias e sua conversa com os habitantes quase sempre recebia o auxílio de Nassib, o chefe da caravana.

Apesar disso os viajantes produziram fontes de notícias que possibilitavam aos seus leitores contextualizar e imagina lugares desconhecidos, fazendo com que os relatos se tornassem um “testemunho impresso” de uma região distante tanto no tempo como no espaço, já que na maior parte das vezes as comunidades africanas eram interpretadas como sociedades estáticas, parada no tempo e sem apresentar qualquer sinal de “evolução” (LÓPES ESTRADA, 2003). Suponho que o europeu do século XIX ao ler o relato de Giraud criava em sua mente a ideia de uma África perigosa e selvagem ao mesmo tempo em que era instigado por um mundo misterioso e desconhecido que podia lhe proporcionar fama, dinheiro e respeito de seu país. Vale ressaltar que o século XIX era a fase do nacionalismo exacerbado europeu e imagine o quanto valorizado seria o cidadão que encarece uma viagem ao continente que por muitos anos foi considerado o túmulo do homem branco.

Os viajantes que voltaram para contar suas histórias deixaram textos que serviram como referenciais para a Partilha da África, o que explica o frenesi dos europeus em enviar homens para o continente e acumular o máximo de informações possíveis. Dentro deste contexto está Victor Giraud que durante sua viagem vivenciou momentos de tensão, medo e aventura. Talvez o francês tenha registrados

os últimos anos da autonomia administrativa dos territórios africanos, já que em 1885 o Congresso de Berlim definia a política e o destino do continente.

### **Bibliografia**

BAS MARTÍN, Nicolás. **Los repertorios de libros de viajes como fuente de documentación**. En: Anales de Documentación, nº 10, 2007, p. 9-10. [SDB/5].

GIRAUD, Víctor. **Los lagos del Africa Ecuatorial: Expedición tras los pasos del Dr. Livingstone**. Barcelona: Timun Mas, 1997.

HRBEK, Ivan. **As fontes escritas a partir do século XV**. In: KI –ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010. cap 6, p. 105-137.

LÓPES ESTRADA, Francisco. **Libros de viajeros hispánicos medievales**. Madrid: Ediciones Laberinto, 2003.

VIDROVITCH, Catherine Coquery. A colonização árabe em Zanzibar. In: FERRO, Marc (org.). **O livro negro do colonialismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.